

ILLUSTRAÇÃO

EDIÇÃO SEMANAL
Empreza do jornal O SÉCULO

José Joubert Chaves
EDITOR

PORTUGUEZA

Toda a responsabilidade relativa a esta publicação deve ser dirigida
com o endereço: Illustração Portuguesa—Lisboa

Redacção, administração, atelier de desenhos e officinas de photographia, photogreura, zincographia, stercotypia, typographia e impressão — Rua Formosa, 43 — LISBOA

PRIMEIRO ANNO

SEGUNDA FEIRA, 18 DE JANEIRO DE 1904

NUMERO 11



CONSELHEIRO JOÃO FRANCO CASTELLO BRANCO

CHRONICA

Cartões de visita

O cartão de visita, esse rectanguloso muito claro e muito fino no qual rosaltam as letras em tinta negra, veio substituir o arauto que annunciava os combates, o criado que se enviava a prevenir d'um encontro e mesmo a obrigatoria visita entre gente conhecida, pelo Natal e pela Paschoa, n'um grande desperdicio de tempo, de salamaques e n'um despejo enorme de presentes.

N'esses tempos de conventos, quando mãos, mais tarde canonisadas, fabricavam doces d'um sabor ambrosiaco, quando agente nobre tinha parentes em todos os mosteiros, logo que a folhinha e os sinos das egrejas annunciavam festa rija e solemne, marchava-se a caminho da portaria, com um pretalhão da Mina ajonjado de saquitos d'alfarendas, e voltava-se com o laço a respeitosa distancia esmagado ao peso das docerias. Ah! ainda hoje é celebre a marmelada d'Odivellas.

Ora o cartão de visita, com o seu arsinho fino, com a sua côr clara, muito simples, muito lavado, veio substituir tudo isto, e tornou-se ao mesmo tempo arauto bravo e cortejo cheio de garbo, cerimoniaoso pagem e sacudido mensageiro.

As apresentações outr'ora faziam-se com duzentas reverencias: hoje dois desconhecidos toparam-se na rua, n'um comboio, n'um hotel, sympathisam ou antipathisam, sorriem ou encarrancam-se raiosamente, vão convidar-se para jantar ou para um encontro fóra de portas, com dois padrinhos, de manhã e com uma caixa de pistolas. Não tem declamações. São simples, claros, laconicos como esse pedaço de papel onde estão estampados os seus nomes:

—O meu cartão!

E trocando elles ou se vae para a mesa ou para a Porealhota cedinho, a despirse o casaco e a apañhar-se senão uma bala no menos uma constipação e umas actas nos jornaes.

Mas enfim isso sempre é mais simples do que as velhas usanças em que os parentes se convidavam para jantar por meio de cortejos de laços e em que os inimigos se rostavam para a lica por meio de arautos fortes, os mesmos que lhes berravam os nomes e as côres de suas damas a cada estocada que resvalava nas courças em busca dos corações.

O cartão de visita, com o seu tom ingenuo, singelo, quasi puro, substitue tudo, presta todos os serviços, vae como um servo obediente levar as nossas boas festas, anunciar as nossas possões, dar os pozames ou os parabens, no que sempre tem a vantagem de poupar o trabalho de compormos o rosio, d'ensaiarmos o sorriso ou de carregarmos o semblante, de emudecernos ou de soltarmos gritos, de nos curvamos ou de nos erguermos satisfeitos: enfim, d'apparecernos a dizer, de cara alegre, quando temos um credor á perna:

— «Olá amigo, parabens... mil felicidades! ou de compungidos, dizermos em voz tremula: «Receba pozames» quando sentimos a alegria e uma mulher que nos espera com beijos e com um ramo de violetas.

Abençoado cartão de visita que tanta farça poupa.

Podemos, no entanto, assegurar a sinceridade do bilhete que a *Illustração Portuguesa* dirige aos seus collegas da imprensa que a saudaram na data do seu apparecimento e que a tem emulado de elogios: é um cartão simples, curto, laconico mas que tem em si toda a gratidão e toda a amisade para essa imprensa tão benevola para a publicação que hoje lhe deseja prosperidade e venturas, e reverente lhe envia o seguinte cartão de visita:

A Illustração Portuguesa

Agradece reconhecida.



ASPECTOS LISBOETAS—O MERCADO DE S. BENTO

ROCHA MARTINS.

UM LOGAR DE ROUPA VELHA—A VENDEDEIRA DE HORTALIÇA—UM SERRALHEIRO D'OCCASÃO—A ENTRADA DO MERCADO



JOSÉ DE NOVAES



TEIXEIRA DE VASCONCELLOS



JOSÉ LOBO



DR. FERNANDO MARTINS DE CARVALHO



MELLO E SOUSA



DR. LUCIANO MONTEIRO



JOÃO SARAIVA



JAYME MAGALHÃES LIMA

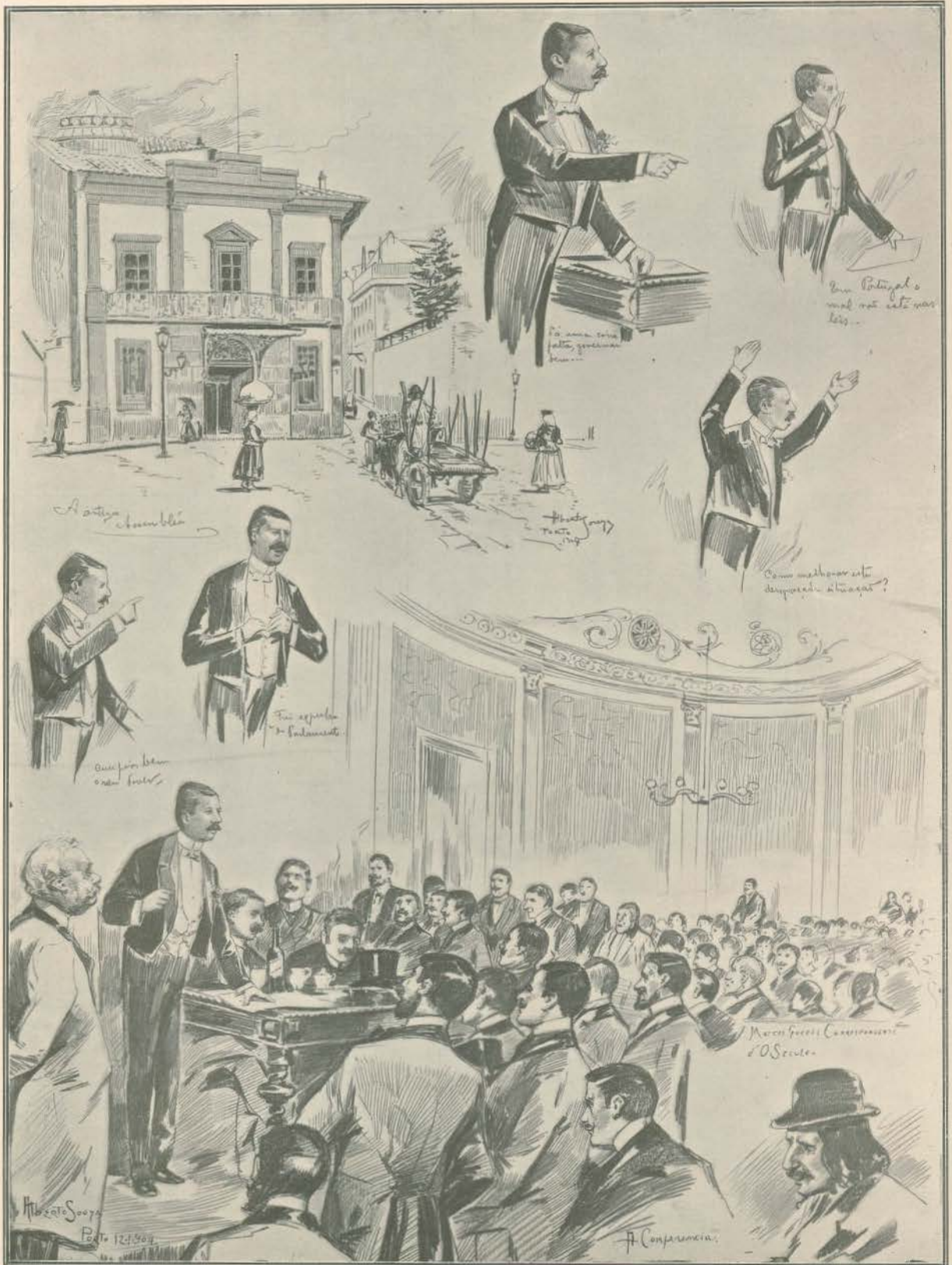


LUIZ DE MAGALHÃES



MALHEIROS REYMÃO

OS MEMBROS DO PARTIDO REGENERADOR LIBERAL QUE ACOMPANHARAM O EX.^{mo} SR. CONSELHEIRO JOAO FRANCO CASTELLO BRANCO NA SUA MISSÃO PELO NORTE DE PORTUGAL



A CONFERENCIA DO SR. CONSELHEIRO JOÃO FRANCO NA SALA DA ANTIGA ASSEMBLEA, NO PORTO, EM 12 DE JANEIRO



«A CRUZ DA ESMOLA», PEÇA DE EDUARDO SCHWALBACH, EM SCENA NO THEATRO D. AMELIA
A SCENA FINAL DO 3.º ACTO—A MORTE DE MARIA DO AMPARO (ADELINA ABRANCHES)—«A REDEMPÇÃO! LIVRE! EMFIM LIVRE!»

HABITAÇÕES ARTÍSTICAS

Digressões e visitas

Casa da Ex.^{ma} Sr.^a D. Sarah Motta Marques.

No nosso *carpet* tínhamos notificado ha muito uma visita a casa d'osta illustre dama, figura em relevo na nossa sociedade, pelo prestigio do seu talento largamente



SALA NOBRE

documentado entre intimos, nas *soirées* finamente delicadas que D. Sarah Motta Marques dá amuitadas vezes.

Iamos pois, levados pelo prazer de descobrirmos aquelle «interior» que, d'ante-mão, o sabiamos, traria surpresas carinhosas d'essa deliciosa arte feminina, revelada nos *decors* e nas colleções, aos nossos olhos cheios de fadiga, d'essa fadiga que a vida portugueza traz para todos os enthusiasmos, no que toca a expressões d'arte.

Não vai esta chronica descrever com a minucia exigida todos os salões que atravessámos, mas apenas transplantaremos para aqui, de relance, a impressão colhida durante duas horas de despretenciosa conversa,

n'um salão *mignon*, confortável por aquelle dia aspero de inverno em que gentilmente fomos recebidos.

N'uma das paredes ha um magnifico retrato, do Malhoa, e a conversação incitase sobre os pintores portuguezes, que as exposições e a repurgação moderna mais tem notabilizado.

D. Sarah Motta Marques vai-nos referindo os seus enthusiasmos, vai evocando de memoria as telas que em *estages* transactas mais emocionaram o seu delicado temperamento; mas, a litteratura atrahiu egualmente a sua attenção e, n'um momento, eis que nos referimos á gloriosa individualidade de Anatole France, e sobre a obra do grande escriptor que a nossa

primorosa intellectoctora vai dizendo impressões, auctenticações judiciosas, revelando tendencias do seu espirito altamente educado, onde nem sequer falta um traço subtil do ironia, d'essa ironia doce, que ainda uma lisongeira formula para o artista attingido.

Intencionalmente derivamos o dialogo para os nossos poetas, e, então, D. Sarah Marques refere os seus enthusiasmos especializando este e aquelle, e de novo a ironia vem abrir uma clareira de risos na aridez artistica das ultimas gerações, onde raros são os que commoivamente vem despertar, com o lyrismo candido dos seus versos, a nossa justificada indifferença.

Visitamos dois ou tres salões ricamente adornados, onde sobressahem deliciosas miniaturas de Saxos, de Saxos, grupos de fina e elegante graca, que marcam o prestigio de *biblot* n'esta época hostil ás mais radicadas tendencias d'arte.



SALETA



SALA DE VISITAS

A illustre dama mostra-nos alguns quadros de valor, e no seu gabinete vemos tambem sobre *etagères* e so-



SALA DE JANTAR

bre um contador hispano arabe os retratos do grandes artistas portuguezes e estrangeiros, onde nas dedicatorias se lê admiração e respeito pelas raras qualidades artisticas da Ex.^{ma} Sr.^a D. Sarah Marques.

S. Ex.^a chama a nossa attenção para o retrato do actor Rossi, o grande tragico que n'uma afastada época tanto enthusiasmo a nossa plateia. A photographia d'ilo envelhecido, «bon bourgeois», sorrindo complacente sob a mancha embranquecida do bigode.



A ESCADA DO JARDIM



A ESCADA DO PALAQUETE



OUTRO ASPECTO DA SALA NOBRE

— Parece um pai de família retirado do negocio —
comentamos.

— E foi um extraordinario actor, o bom velho! —
repliquei.

N'um corredor de passagem vimos uma serie de armarios abrigando uma multidão de bonecos, trajando conformo os usos de cada paiz. Impossivel referencias exactas, basta dizer que a colleção, curiosa e attrahente, attinge o elevado numero de duzentas.

E, ao olharmos cada uma d'aquellas figurinhas, como que ibando dos nossos olhos por essas civilisações, parece que corremos mundo, e, n'um colopido cyclorama tomos a impressao nitida de todos os costumes.

N'esse armario a Hespanha, com as mantillas e tonelros, typos do rua, tudo o que é profundamente caracteristico: os gestos impetuosos, a graça des-

dens francezas, dandies nas suas tunicas azues e brancas, quasi galanteadoras como na hora em que se alheiram do mundo para a solidão intranquilla dos claustrros.

vairada, o exa-
gero, a alegria
no berrante dos
trajes, os perfis
languidos, a se-
ducção e... até
a perfidia se exi-
be n'aquelles
olhos pintados
na porcelana.

A Franca, ella: typos bre-
tões, que pare-
cem oscutar o
murmurio nos-
talgico do Mor-
bihan, a delica-
deza taful, con-
genita da raça,
os trajes egual-
mentecoloridos,
d'um pittoresco
probo; até que,
perto da entra-
da, vemos a cu-
riosa galeria das
ordens religio-
sas. E' a vitri-
ne do recato e
unetnosidade,
da candidez, do
sacrificio, do ho-
locasto, das ir-
mãs enfermei-
ras, das mis-
sionarias, das or-



O FOGÃO DA CASA DE JANTAR

Todos os paizes do globo tem ali os seus representan-
tes, com pormenores exactos do *loiselle*.

Depois de termos percorrido todas as vitrines, onde se
agglomeram as lindas figurinhas, constituindo uma colleção

unica no paiz, entramos n'uma
sala e magnifica casa de jan-
tar onde, sobre *slapras* e ar-
marios de torcidos, se ostentam
as pratas. Entra uma clarida-
de triste de fim da tarde, e o
mobiliario valioso e rico vai
mergulhando n'uma penumbra
doce. Nas paredes ha tapece-
rias deliciosas, fixando assun-
ptos bucolicos. Tudo dia felici-
dades, paz e conforto, desvela-
da attenção, cuidado.

O poente, aquella hora, vi-
nhá abrindo um clarão no ceo,
e as nuvens fugiam pondo em
todo o espaco uma poeira d'ouro
pallido, como n'um ceo d'agosto.

Sahimos d'aquí, novamente
agradecemos á illustre dama
a gentileza com que nos rece-
heu... e aitreou.



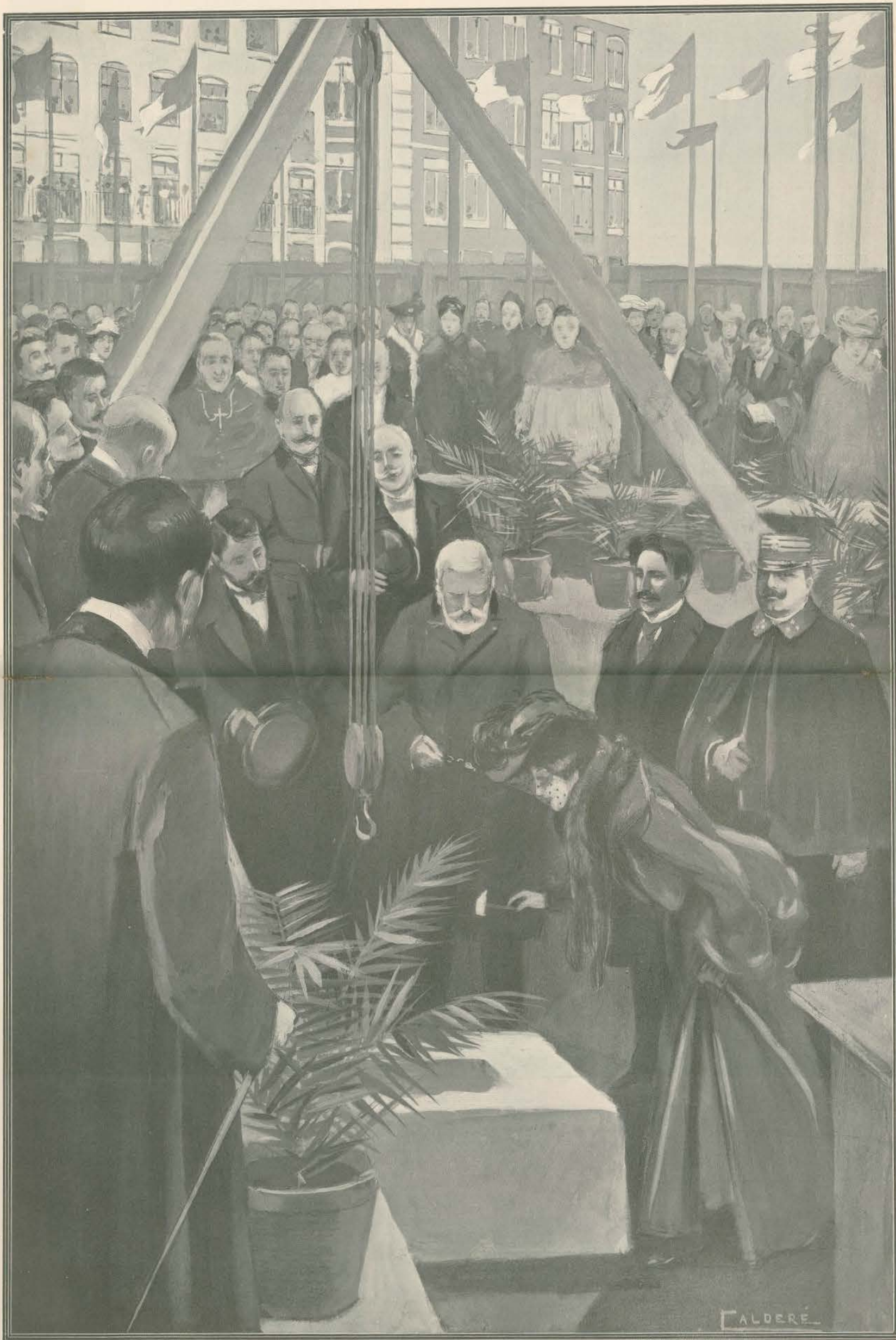
BRASILEIRA BELGA BEIRA DA EMPRELLA PAUZEIRA DE AVIEYER QUARDIO AVIENTE



FRANCO CALIFORNIA PORTO DE S. JOAQUIM ESTREANTE ERICANA FLOES DA ROMA SARRACOLA VIEIRO MIRANDA BRASILEIRA AVIEIRO FLOREIRA LINDA TRAZO ANTONIO



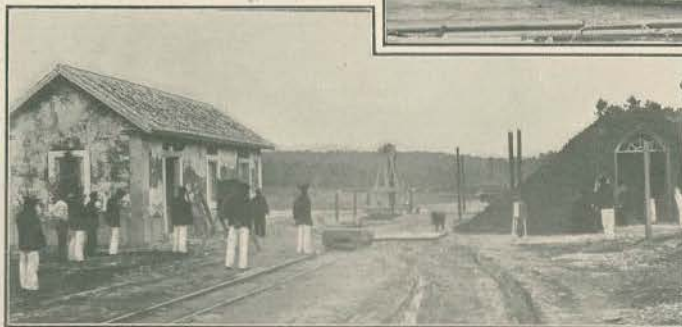
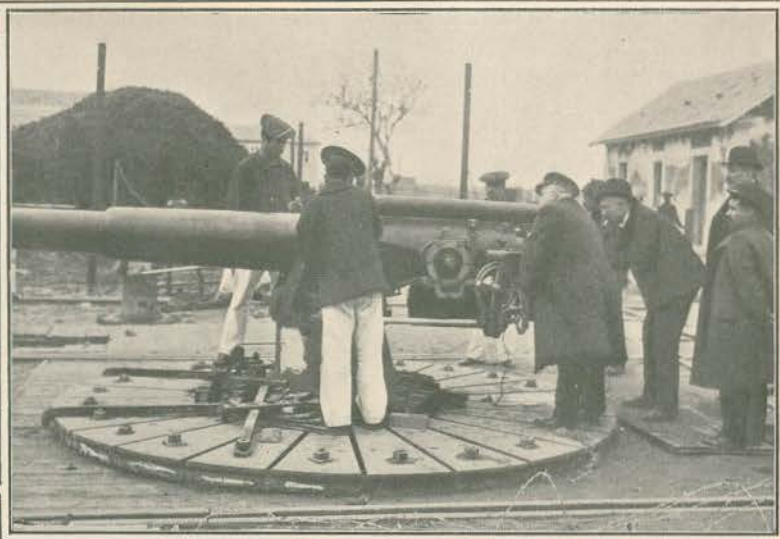
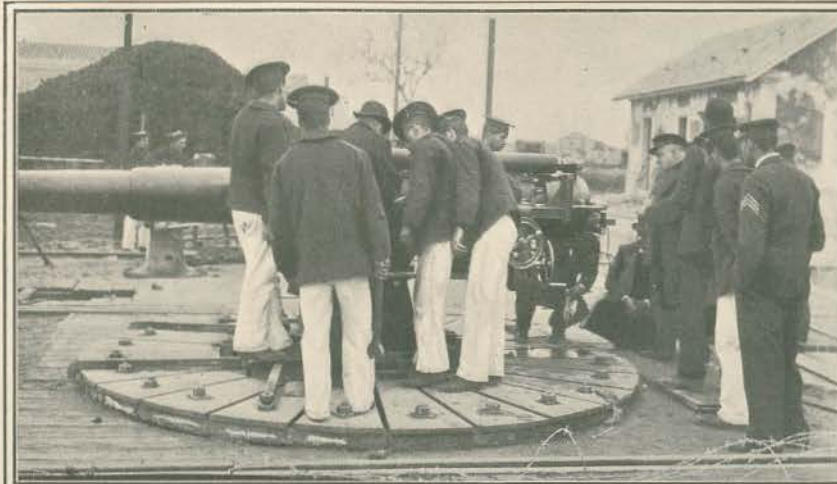
BERLINO DE GALEZIA SALSIA SALOIO OVAR BARCELLOS BRAVEIRO MOÇO DE SUÉCIO BRATEIRO CAVALLEIRO BARBARILHEIRO MOÇO DE CUBO SANTOS TAVARES



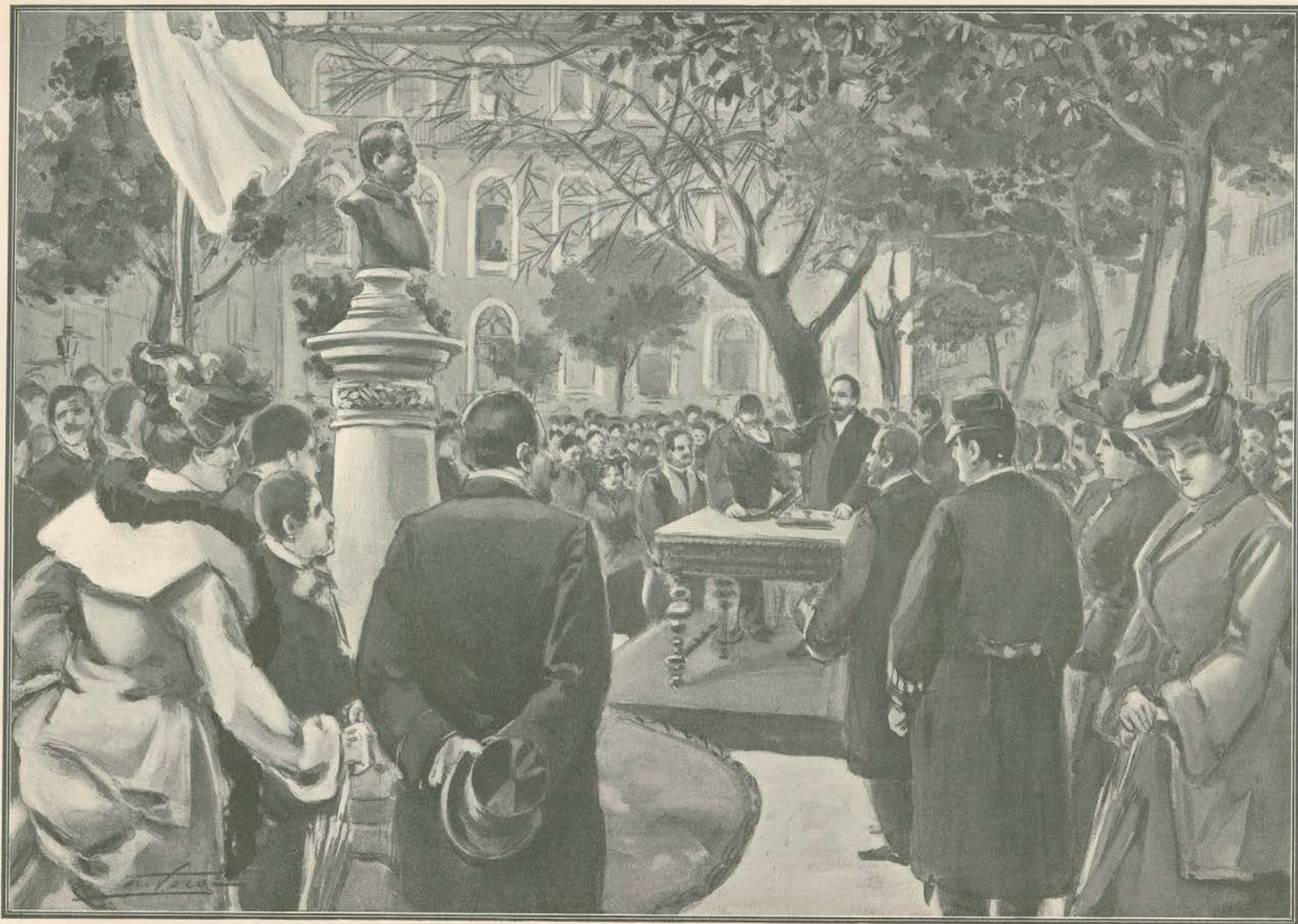
A COLLOCAÇÃO DA PRIMEIRA PEDRA PARA O EDIFÍCIO DA ASSISTÊNCIA NACIONAL AOS TUBERCULOSOS, REALISADA EM 10 DE JANEIRO—S. M. A RAINHA NO ACTO DA CERIMONIA



COSTUMES LISBOETAS—NA RIBEIRA NOVA: DESCARGA DO PEIXE



A EXPERIENCIA D'UMA PEÇA CANET NO POLYGOONO DE VALLE DE ZEBRO EM 8 DE JANEIRO
A MONTAGEM DA PEÇA—ARRESTANDO A PEÇA—CARREGANDO A PEÇA—AS CARAS D'ARRIGO E DE CARREGAMENTO—A DESCARGA PELA ELECTRICIDADE—À PROCURA DO ALVO



A ENTREGA DO MONUMENTO AO VISCONDE DE VALMOR À CIDADE DE LISBOA EM 9 DE JANEIRO—O SR. VISCONDE DE ATHOUGUIA LENDO A ACTA



A REVISTA À COMPANHIA DE REFORMADOS NO CASTELLO DE S. JORGE



OS NOVOS PEREGRINOS

POR MARK TWAIN, TRAD. DO ORIGINAL POR ALBERTO TELLES

Com as conchas de ostras estavam misturados muitos pedaços de louça de barro antiga e quebrada. Ora, como foi que esses montões de conchas de ostras chegaram ali? Não o posso determinar. Louça de barro quebrada e cascas de ostras são sugestivas de restaurantes, mas n'esse caso não deveriam ter occupado esses lugares lá em cima n'esse lado da montanha no nosso tempo, porque ali ninguém viveu. Que poderia render um restaurante n'um sítio tão arido, pedregoso e solitário? E, além d'isso, não havia lá rochas de Champagne entre as ostras. Se jámais ali houve um restaurante, deve ter sido nos aureos tempos de Smyrna, quando os montes estavam coroados de palácios. N'esses termos eu ainda poderia acreditar n'um restaurante; mas como explicar os tres? Houve lá porventura restaurantes nos tres períodos diferentes do mundo? — porque ha dois ou tres pés de terra solida entre as camadas de ostras. Evidentemente, a solução dos restaurantes não satisfaz.

O monte deve ter sido o fundo do mar, outr'ora, e levantado, com os seus jazigos de ostras, por um terremoto — mas, em tal caso, como se entende a louça quebrada? E, sobretudo, que me dizeis as tres camadas de ostras, uma sobreposta á outra, e nos ossos extractos da boa legitima terra entre elles?

Essa theoria não presta. E' muito possivel que este monte seja o monte Ararat, e que ali descançasse a arca de Noé, e elle comosse ostras e deixasse as cascas pela borda fóra. Mas isso tambem não serve. Lá temos outra vez as tres camadas e a solida terra interposta — e, afóra isso, eram só otto na familia de Noé, e não poderiam ter comido todas essas ostras nos dois ou tres meses que estiveram no cimo d'aquelle monte. Os animaes — todavia, é simplesmente absurdo suppor que elle fosse tão apenado de juízo que sustentasse os animaes a coizas de ostras.

E' custoso — é até humilhante — mas estou reduzido ao cabo de contas a uma fraca theoria, a saber: que as ostras galgaram lá de motu proprio. Mas que fim poderiam ellas ter em vista? — que iriam ali fazer? De que precisaria uma ostra para trepar a um monte? Trepar um monte deve necessariamente ser um exercicio fatigante e aborrecido para uma ostra. A conclusão mais natural seria que as ostras marinharão até ali para gosar o panorama. Todavia, se a gente se pôe a reflectir na natureza da ostra, parece claro que ella se não im-

porta para nada com panoramas. A ostra não tem gosto por semelhantes cousas: não se lhe dá do bello. A ostra tem um genio concentrado, e não vivo — nem sequer alegre, acima do mediano, e nunca empreendedor. Mas, sobretudo, a ostra não toma interesse nenhum pelo panorama — zomba d'isso. A que cheguei eu agora? Simplesmente ao ponto d'onde parti, que vem a ser: *as conchas de ostras estão ali, em camadas regulares, quinhentos pés acima do mar, e ninguém sabe como ellas ali foram parar. Atirei-me aos guias do viajantes, e a sumaria do que estes dizem é isto: «Ellas lá estão, mas como lá foram ter é um mysterio.»*

Ha vinte e cinco annos a esta parte, muita gente na America vestiu os seus trajos de ascensões, despedia-se com lagrimas das pessoas da sua amizade, e poze-se prompta a voar para o céo ao primeiro toque da trombeta. O anjo, porém, não a assoprou. O dia da resurreição de Miller foi um logro. Eu não suspeitava que houvesse Millers na Asia Menor, mas referi-me um cavalheiro que, um dia, ha cousa de tres annos, tiveram tudo preparado em Smyrna para a chegada do fim do mundo. Com antecedencia, por largo espaço, houve muito murmuro e preparativos, vindo tudo a acabar n'uma bravia excitação na hora aprazada. Uma mó de povo subiu ao monte da cidadella pela manhã muito cedo, para se livrar do caminho da destruição geral, e muitos dos preoccupados fecharam as lojas e afastaram-se do todo o commercio terreno. Mas o caso mais singular foi que, á volta das tres horas da tarde, estando este cavalheiro e os seus amigos a jantar no hotel, rebentou uma terrivel tempestade de chuva, acompanhada de relampagos e trovões, a qual continuou com fúria molodna durante duas ou tres horas. Era cousa nunca vista em Smyrna n'essa quadra do anno, e seneu de terror alguns dos mais scepticos. As ruas pareciam rios, e o pavimento terreo do hotel ficou inundado. Teve que se interromper o jantar. Quando a tempestade acabou, deixando a todos completamente pingando, melancolicos e meio afogados, desceram da montanha os ascensores, tão enxutos como tantos sorruões de caridade! Tinham estado a ver de alto a tempestade que lá ia em baixo, e realmente acreditaram que a sua preconizada destruição do mundo estava alcançando um grande exito.

Um caminho de ferro aqui na Asia — no reino phantastico do Oriente — na terra fabulosa das *Mil e uma noites* — é para dar que pensar. Todavia, já ha um, e

está outro em construção. O actual é bem feito e bem dirigido por uma companhia inglesa, mas não dá grandes lucros. No primeiro anno transportou muitos passageiros, mas, quanto a mercaderias, houve apenas oitocentos arratéis de figos!

Chega mesmo quasi ás portas de Epheso — cidade grande em todas as edades do mundo — cidade familiar aos leitores da Biblia, e que era tão antiga como os proprios montes, quando os discipulos de Christo pregarão nas suas ruas. Remonta aos tempos nebulosos da tradição, e foi o berço dos deuses afamados na mythologia grega. E' assaz curiosa a idéa de uma locomotiva que rompe através de um lugar, como esse, acordando os phantasmas dos seus antigos dias de romance, dos seus sonhos de seculos que já lá vão.

Para lá partimos amanhã para ver as colobres ruinas.

IX

A cambisa da antiga Epheso — Ayassalook — Maldito barro — Uma proleção phantastica — Magnificencia passada — Fragmentos de historia — A lenda dos sete dormientes.

Tivemos hoje um dia de azafama. O superintendente do caminho de ferro poz um comboio á nossa disposição e leve a delicadeza de acompanhar-nos a Epheso e de prestar-nos os seus bons officios. Levámos nos wagons do animaes sessenta mal perceptíveis jumentos, pois tínhamos de vencer muito caminho. Ao longo da via ferrea vimos alguns dos mais grotescos trajos que imaginar se podem. Folgo em verdade de que nenhuma combinação de palavras os possa descrever, pois, de contrario, eu calharia na tolice de tentar faz-lo.

Na antiga Ayassalook, no meio de um pavoroso deserto, fomos dar com extensas linhas de aqueductos arruinados, e outros restos de grandeza architectonica, que nos diziam bem claramente estarmos proximos da que tinha sido outr'ora uma metropole. Desecemos do comboio e montámos nos burros. Juntamente com os nossos convidados — excellentes rapazes portoneutes á officialidade de um navio de guerra americano.

Os burricos tinham sellas muito altas para os pés dos cavalheiros não roçarem no chão. Contudo, esta precaução não surtiu o effeito desejado como os peregrinos de mais elevada estatura. Não tinham redões, apenas uma simples corda atada ao freio. Cousa puramente orna-

mental, porque o burro se não importava com isso para nada. Se elle puxava para estibordo, podião virar o leme com força para o outro lado, e isso fosse do vosso agrado, mas elle continuaria da mesma sorte a puxar para estibordo. Havia só um meio em que podia tornar-se confiante, e vinha a ser: levanta-lo pela trazeira, e rodalo até a cabeça d'elle apontar na direcção conveniente, eu suspendo-lo de baixo do braço, e levolo para uma parte da estrada, d'aonde não podião sair sem saltar. O sol dardegava tão ardente como uma ferralha, e os cobrões, os vícios e os guardasões não pareciam servir para outra coisa que não fosse como que tornar a longa procissão mais phantastica do que nunca — pois é de saber que as senhoras iam todas escanchadas, por não poderem sentar-se n'aquellas sellas disformes, os homens iam todos a transpirar e desesperados, com os pés pendurados contra as rochas, os burros iam puxando em todas as direcções, excepto a que era boa, não obstante a bordoadá que levavam, e de quando em quando lá cahia um grande guardasol, annunciando a todos que mais um dos peregrinos tinha morrido o pé da estrada. Nunca jámais houve burros tão ruins de governar como estes, creio eu, ou que tivessem tantos instinctos irritantes. Uma voz por outra, nos sentamos tão cansados e sem folego já para lutar com elles que tihamos de desistir — e immediatamente o burro tratava de tomar por certo caminho. Isto, com o cansasso e o sol, era o bastante para adormecer, e apenas o homem adormecia, o burro estendia-se no chão. O meu burro nunca mais tornará á casa da sua infancia. Tem cahido muita vez. A morte não vem longe.

Estivemos todos no theatro immenso da antiga Epheso — quero dizer, no amphitheatre com dograns de pedra — e tirámos uma vista d'elle. Pareciamos ali tão bem como em qualquer outra parte. E' o que eu supponho. Não embellezamos muito a assolação geral de um deserto. Adicionalmente quanta dignidade nos é possível a uma ruína majestosa com os nossos guardasões verdes e jumentos, mas é pouco. Todavia, a intenção era boa.

Preciso de dizer breves palavras do aspecto de Epheso. Em um alto e escarpado monte, para a banda do mar, está uma ruína pardacenta de grandes pedacos de marmore, onde, segundo é tradição, S. Paulo esteve encarcerado, ha mil e oitocentos annos. D'estes velhos muros gozasse a mais linda vista do triste lugar onde outr'ora era Epheso, a mais soberba dos cithes tempos antigos, o cujo templo de Diana era de desenho tão nobre e tão perfeito acabamento que occupava um logar na lista das sete maravilhas do mundo.

Por detraz de vós o mar; por deante a verde planura de um valle (um pantano, de facto) que se estende até lá muito longe entre montanhas; á direita, olhando para a frente, a velha cidadella de Ayassalook, n'um alto monte; proximo d'ella, na planície, a mesquita arruinada do sultão Selim (edificada sobre a sepultura de S. João, e em tempos remotos igreja christã); mais para o vosso

lado, o monte de Pion, em volta de cuja frente se aggrupou tudo o que resta das ruínas de Epheso, que ainda existem; e separada d'elle por um valle estreito está a extensa, pedregosa e severa montanha de Corosso. O quadro é lindo, e todavia cheio do tristeza — porque n'essa vasta planície homem nenhum pode viver, e não ha n'elle uma só habitação humana. Se não fossem os arcos, que se vêem esboçando, as columnas monstruosas e os muros partidos que se levantam do seio do monte de Pion, nenhum acreditaría que n'este logar houve jámais uma cidade, cuja fama é mais antiga que a propria tradição. E' incrível reflectir que cousas tão familiares em todo o mundo hoje como palavras de uso domestico pertencam á historia e ás obscuras lendas d'esta silenciosa e fúnebra solidão. Falamos do Apollo e de Diana — aqui nasceram; da metamorphose de Syrinx n'uma canna — foi feita aqui; do grande Deus Pan — habitou as cavernas d'esto monte de Corosso; das Amazonas — esta foi a residencia que ellas mais estimaram; de Baecho e de Hercules — ambos aqui pelegaram contra as mulheres guerreiras; dos Cyclopes — foram elles que collocaram os enormes blocos de marmore das ruínas além; de Homero — foi esta uma das muitas terras do seu nascimento; de Simão de Athens; de Alcibiades, Lyxandro, Agallias — estiveram aqui de visita; o mesmo direi de Alexandro Magno; o mesmo de Hannibal e de Antiocho, Scépio, Lucullo e Sylla; Bruto, Cassio, Pompeu, Cicero e Augusto; Antonio era juiz n'esta terra, e deixou a sua cadeira em pleno tribunal, quando os advogados estavam falando, para ir atraz de Cleopatra, que tinha transposto a porta; d'esta cidade ambos partiram para excursões de recreio, em galleis com remos de prata e vélas perfumadas, acompanhados de formosas raparigas para os servirem, e de actores e músicos para os recrearem; em dias que parecem quasi modernos, Paulo Apostolo pregou aqui a religião nova, assim como S. João, e aqui se suppe que o primeiro foi exposto ás feras, pois que na I aos Corinthios, 15, v. 32, diz elle:

«Se (como homem) eu batalhei com as bestas em Epheso, etc.

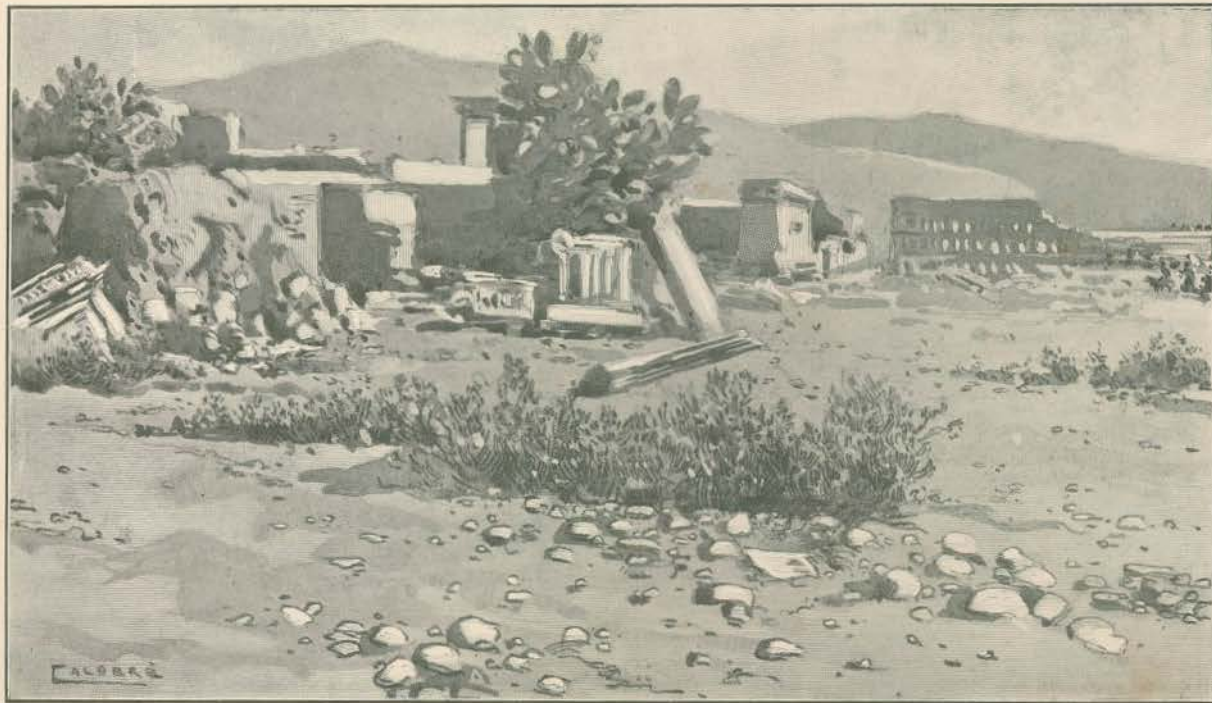
— quando ainda viviam muitos homens que tinham visto a Christo; aqui morreu Maria Magdalena, e aqui a virgem Maria acabou os seus dias com S. João, posto que Roma depois julgasse melhor collocar a sua sepultura n'outra parte; ha seis ou setecentos annos — quasi hontem, a bem dizer — magotes do cruzados com cotas de malha se apinhavam nas ruas; e, para descer a bagatellas, falamos de correntes de agua com meandros, e achamos um novo interesse n'uma palavra vulgar quando descobrimos que o sinuoso Meandro a deu ao nosso dicionario. Faz-me sentir tão velho como estes aridos montes e contemplar estas musgosas ruínas, esta devastação historica. Pode uma pessoa ler as Escripturas e acreditar, mas não pode ir e estar além no theatro em ruínas, e povoal-o outra vez na sua imagi-

nação com as desaparecidas multidões que ali appaream os companheiros de Paulo e bradaram, formando uma só voz: Grande é a Diana Ephesina! A idea de um brado em tamanha solidão como esta quasi que faz estromecer.

Era uma cidade maravilhosa esta Epheso. Ide onde quizerdes por essas vastas planícies, e encontrareis fragmentos de marmore e mais delicadamente esculpidos, esculpidos com abundancia por entre o pó e as herbas parastias, e ou salidas do terram ou inclinadas sobre elle se vêem bellas columnas estradas de porphyro e de marmores preciosos; e a cada passo topam-se capitais elegantemente lavrados e pedestaes massicos, e pedras lapideas com inscripções gregas. E' um mundo de reliquias preciosas, um deserto de gemmas deterioradas e mutiladas. E, todavia, o que são estas cousas em comparação das maravilhas que existem aqui sepultadas debaixo da terra? Em Constantinopla, em Pisa, nas cidades de Hespanha, ha grandes mesquitas e cathedraes, cujas columnas de maior grandeza vieram dos templos e palacios de Epheso, e basta só raspar no chão para encontrar eguaes. Nunca se saberá o que é magnificência, enquanto esta cidade imperial não for posta ao sol.

A mais bella peça de esculptura que jámais nossos olhos viram, e a que mais impressão nos causou (pois não sabemos muito d'arte, e não podemos facilmente constranger-nos em extasis a proposito d'ella) foi uma que está n'esse velho theatro de Epheso, que o tumulto contra S. Paulo tornou tão celebre. E' só o corpo decapitado de um homem, de cota de malha, com uma cabeça de Medusa no peitoral do armor, que nos incute a persuasão de que tanta dignidade e tanta magestade nunca de antes uma forma de pedra revestiu.

Que constructores não foram esses homens da antiguidade! Os arcos massicos de algumas d'essas ruínas descuidam sobre pilares que tem quinze pés quadrados e são edificados completamente de grandes copos de marmore. Não são laminas ou cascos de pedra cheios por dentro de estuho, mas a columna é um aggregado de solda atvornaria. Grandes arcos, que talvez fossem as portas da cidade, são construidas do mesmo feito. Afrontaram as tempestades e os cérebros de tres mil annos, e foram acudidos por muitos tremores de terra, e lá estão ainda do pé. Quando se excava no lado de elles, encontram-se filas de formidavel cantaria, tão perfectas em todas as suas partes como o eram no dia em que esses antigos Cyclopes gigantes as acabaram. Uma companhia ingleza vai fazer excavações em Epheso — o intuito é que ha de ser!





ADELINA ABBANCHES

A INTERPRETE DA PEÇA «CRUZ DA ENROLA» DE EDUARDO SCHWALBACH



A SALA DA BANDA DA GUARDA MUNICIPAL, ONDE SE FEZESTOU A HOMENAGEM AO MESTRE TABORDA

CHRONICA ELEGANTE

O gosto moderno, tão requintado e com tão accentuado cunho artistico, já se não conforma com a classica opulencia d'outr'ora e necessita envolver-se n'um quadro mais raffiné que satisfaca o espirito, delectando o olhar. E' por isso que actualmente a toilette feminina é tão variada e complexa, não obedecendo strictamente a imutaveis regras da moda.

Todos os que tem um pouco do sentimento artistico procuram cousas novas e cousas diversas, havendo pessoas que escolhem um typo de vestidos e chapéos adaptados ao seu physico e do qual se afastam apenas o sufficiente para não estar completamente fóra da moda, sem, contudo, perderem o seu cachet puramente individual.

O conhecido vestido de noiva, em setim branco, as corce-



FIGURA 1



FIGURA 2

lhas e rigidas *tailletes* de seda e velludo com guarnições de rendas, pautadas todas pela mesma bitola, são hoje vulgares. O traje de noiva moderno, rico e elegante, tem o fundo de setim ou outra qualquer seda apenas como base; é a tela sobre a qual o artista em modas dá largas á sua inspiração; ondas de *tulle*, rendas, *gaze*, *mousseline*, bordados variados cobrem o tecido, entrelaçando com graciosas hastes e grinaldas de rosas brancas, jasmims e flores de murta, dispostas da forma mais harmonica e caprichosa. O symbolico von de rendas ou *tulle* liso envolve finalmente toda a figura como uma nuvem ondulante e vaporosa.

O mesmo succede com os vestuarios de recepção e baile, em que cada um procura imprimir a sua nota particular. Mistura-se a *gaze*, as rendas e as fitas com pelles, flores e joias; as rendas largas dispõem-se de modo nada banal; ás vezes partem de um hombro onde se fixam com um laço, flores ou joias, e vão envolvendo uma parte do corpo, passando á saia que percorrem obliquamente, como ao acaso, presas aqui por uma flor, além por uma *agrape* ou fivela artistica, rematando

mais longo com um laço ou *chaon*, mas tudo disposto com a mais delicada phantasia.

Nos chapéos percebe-se a mesma tendencia: ha senhoras que adoptam invariavelmente uma determinada cor e feitio de chapéo que lhes fica bem, e só seguem as variações da moda o quanto fór necessario para não parecerem antiquadas.

Nas grandes reuniões mundanas onde apparecem e se exhibem as novidades em modas, estas fazem sensação, não pelo que são propriamente, mas pela maneira como são usadas e apropriadas ás pessoas que as apresentam. E n'ossoz centros obliquos é tal a diversidade de formosos trajes que se torna impossivel decretar qual ha de ser a moda. Conclue-se, felizmente, que as modas são muitas e que o segredo de vestir bem é cada um saber o que melhor lhe quadrá.

FIG. 1 — Vestido de recepção em *qipure* branco sobre fundo de setim *jaune mate*.

FIG. 2 — Chapéo *mousseline* em feltro e plumas pretas com grande fivela de *vicié argent*.

FIG. 3 — *Taillette* do jantar e *soirée* em *crêpe* do *chine* branco e rendas pretas.



FIGURA 3